

JOSÉ MÁRIO
BRANCO
RESISTIR É
VENCER

Letras das Músicas



ÍNDICE

01. Nem Deus, Nem Senhor
02. Se do Império
03. Poder
04. As Contas de Deus
05. Canção dos Despedidos
06. Onofre
07. Eram Mais de Cem
08. O Papão do Anão
09. A Vida Rompeu
10. Do que Um Homem é Capaz
11. Cantos dos Torna-Viagem
12. Fado em Dó Maior
13. Pão-Pão
14. Amor Gigante
15. Tenho Dó das Estrelas
16. Elogio de Caeiro



01. NEM DEUS, NEM SENHOR

(letra e música: José Mário Branco)

A luz é tão cega
Que nunca se entrega
Só se deixa ver
Numa razão de ser
Sem sequer entender
Os olhos que a vão receber

E o rasto que fica
É uma coisa antiga
Que a gente tem p'ra dar
E só pode encontrar
Quando morrer a procurar

Salvo pelo amor
Só se pode ser salvo pelo amor
Do sentido perdido ganhador

Não tem Deus nem Senhor
Esta dor
Anda à solta por aí
Que eu bem a vi
Ai, se eu pudesse parar
Se eu vos pudesse contar

Salvo pelo amor
Não existe derrota para a dor
Com o seu capital triturador

Não tem Deus nem Senhor
É simplesmente dor
Que é o que faz questão de ser
Sem entender
Que a vida toda surgiu
De um Sol que nunca se viu
Nem sei se existe



02. SE DO IMPÉRIO

(letra e música: José Mário Branco)

Se do Império os mortos vais contar
São tantas as parcelas p'ra somar
Qualquer pequena história ao virar da esquina
Guatemala, Indonésia, Argentina
Djenine e Hiroshima

Para bem contar, não contes pelos dedos
Nenhuma conta conta a dor
Que essas contas contarão
Aí nessa rua a seguir à tua
Sangue, lágrimas - e medos

Tem cuidado
Se do Império os mortos vais contar
Melhor será saber recomeçar
Que os mortos do Império vão voltar

Se do Império os mortos vais contar
Terás milhões de vidas p'ra somar
A grande história escrita ao virar da esquina
Vietname, Curdistão, Filipinas
Angola e Palestina

Para bem contar, preciso é ter coragem
E deitar contas ao horror
Que essas contas contarão
E a conta continua a seguir à tua
Fome, cárcere - pilhagem

Sê paciente
Se do Império os mortos vais contar
Melhor será saber recomeçar
Que os mortos do Império vão voltar

São mortos distantes
Em tudo semelhantes
A esses outros mortos que estão vivos
Em tímidas vidas
Almas cativas
Mas prometidas

Os vivos
São o regresso dos mortos
Que os impérios dão
À revolução



03. PODER

(letra e música: José Mário Branco)

1.
Um herói
À medida
Da sua estatura
Vai sempre à procura
Ond' inda ninguém foi

Um herói
Não descuro
Um ou outro dói-dói
Uma dura aventura
Não mata mas mói

Caso venha a ser preciso
Arriscar qualquer coisinha
Na operação
Um herói no seu juízo
Leva sempre uma pilinha
Em cada mão

Com a cobertura da instituição
Mais aquilo do Deus-Pátria-Canhão
Um herói nunca se corta
Meio olho-vivo, meio mão-morta
A porta
Não importa

(refrão)

2.
Um herói
Façanhudo
É de tudo capaz
Faz ao peixe miúdo
O que mais ninguém faz

Um herói
Catrapás
Salta dos quadrinhos
Puxa os cordelinhos
E eles vêm atrás
Com algum equipamento
Assegura a quadratura
Da operação
E o simbólico instrumento
É uma armadura dura
Em cada mão

Um herói é o garante, o bastão
Dessa coisa do Deus-Pátria-Canhão
Nunca teme, nunca se corta
Come peixinhos da horta
Mulher morta
Não aborta

(refrão)

Refrão:
Poder
Quem o tem, tem ascendente
Poder
Quem o tem, faz-se valente
Bem usado
Mal usado
O poder é prepotente

Assim
Diz o povo amiúde
Assim
Herói era toda a gente
Mais val' rico e com saúde
Do que pobre e doente



04. AS CONTAS DE DEUS

(letra e música: José Mário Branco)

Folhas de calendário são
Almas em busca de água e pão
Quanto mais o tempo passa
Menos a desgraça
Tem valor

Que buscas tu, ó meu irmão
Industrial da opressão
Cada letra do teu nome
É um ano de fome
E de dor

Contas e contas se fazem num dia
Ai quantas contas se fazem num dia
Corpos caídos
Vidas aos bocados
Tapados dos lados
Por cima e por baixo
E eu, ou vou ou racho
O que eu não faria
Com as contas de um só dia
Se eu fosse Deus
Se Deus não fosse eu

Alguém que acorde esse país
Que pegue fogo aos alibis
De quem pensa que o dinheiro
Se gasta primeiro
Que o amor

Como se pode ser feliz
Sabendo a dor que não se diz
Cada minuto da hora
Alguém vai embora
Ou pior

Contas e contas se fazem num dia...

Como se Deus não fosses tu.



05. CANÇÃO DOS DESPEDIDOS

(letra e música: José Mário Branco)

Somos explorados no trabalho, e não só
Também somos o lixo
Lixo na tê-vê, quem lá está e quem vê
Lixo no jornal, voz do seu capital
Estamos entregues aos bichos
E o lixo produz mais lixo

E o tempo a passar
E eu a cantar
Eu também faço parte do lixo

Há quem viva bem do nosso mal-viver
Nós somos lixo
Somos só lixo
Já não há gente, há só lixo
Dispensável, descartável, reciclável
E agora parem um minuto p'ra pensar

Há que humanizar a humanidade, e não só
Há que varrer o lixo
O do Capital, que é o lixo global
Lixo do Estado, que é o seu braço armado
O mundo é de quem manda
E o resto é propaganda

Tudo é publicidade
Mas a liberdade
É escolher entre ser ou estar

Tens a boca cheia de palavras lindas
P'ra ti sou lixo
Somos só lixo
Nós não somos gente, somos lixo
Dispensável, descartável, reciclável
Mas vou parar mais um minuto p'ra pensar

Vamos a casa
Ao fim do dia
Só p'ra regenerar a mais-valia
Ganhar forças, fazer filhos
Cada um no seu caixote
E amanhã tomar o bote
Para o paraíso dos cadilhos

Quem é o lixo
Eles são o lixo do corpo e da alma
Como é que se pode ter calma
P'ra varrer este monturo
Dos escombros do futuro



06. ONOFRE

(música e letra: José Mário Branco)

“Onofre”: nome português para “on-off”

Quando o espectro de Goebbels me ensombra
e me agride com mais
Guerra mediática
E a sua matilha se maquilha
Quando essa escolha cuidada de coisas reais
ficcionadas, iguais
Sem lei nem gramática
Faz de cada Homem uma ilha
Quando vem a maré negra dessa matilha
obscena
E para sobreviver há que sair de cena
Resta só a solução de premir o botão
Quem sofre
Quem sofre
Quem sempre sofre é o Onofre

Quando a voz do Grande Irmão mostra
sempre outra cara escondendo
A paz totalitária
No negócio do seu matadouro
Quando propagandeando a janela do mundo
só abre p'ra dentro
E é sempre o cenário
Em que o sangue valoriza o ouro
Os jornalistas clonados facturam a desgraça
Nem no amor nem na dor a caravana passa
Vou vomitar e então carrego no botão
O Onofre
O Onofre
Triste poder de quem sofre

Quando p'ra tanto poder parece que já nada
podemos fazer
P'ra nos mantermos vivos
E eles tão seguros da vitória
Quando agressivos, banais, sorridentes,
coprófagos fartos de ser
Plurais digestivos
Até resistir é uma história
Só o Onofre me diz que o dono inda sou eu
Que esse terrível poder ninguém o elegeu
E logo a alma da mão carrega no botão
Onofre
Onofre
És o segredo do cofre



07. ERAM MAIS DE CEM

(música e letra: José Mário Branco)

Refrão:

Eram mais de cem
Eram mais de mil
Não os contei bem
Um milhão de lil- iputianos pr'ai

Os homens pequenos
Quando são demais
Não fazem por menos
Tornam-se fatais - vão por mim que o vivi

1.

Como é que um freguês duma freguesia
qualquer
Vê o seu destino
Fazer o pino
Sem saber ler - nem 'screver

Homem avisado sempre ouviu alguém dizer
Cada naufrágio
É um presságio
Do que vai a- contecer

2.

Vá-se lá saber o que é que esta gente me quer
Este lugar
Tão singular
Ai quem me val' - a valer

Há sempre um lugar que falta a gente conhecer
Ai se eu soubera
Como isto era
Nunca viera - aqui ter

3.
Preso assim que nem é modo d' alguém preso
ser
Pequenos fios
Nós corredios
Que assim me estão - a prender

Já 'stá tecida uma teia para me tecer
Cabeça e pés
Os dedos dez
Já não me po- sso mexer



08. O PAPÃO DO ANÃO

(letra e música: José Mário Branco)

O papão do anão
É o anão do próprio anão
O pior p'ro anão
É ter um irmão menor
É ter um irmão maior
É ter um irmão...

Só de costas o anão é parecido
Com o menino que pode ter sido

Os anões não se medem aos palmos
Eu sou o melhor
Eu sou o maior
Quero ser
Hei-de ser sempre o mais pequenino
Estreitinho
Maneirinho
Que há-de haver

Propriamente ser anão não custa puto
O que custa é manter esse estatuto

O papão do anão
É o anão do próprio anão
O pior p'rò anão
É ter um irmão menor
É ter um irmão maior
É ter um irmão melhor
O pior p'rò anão
É ter um irmão...

Ser anão não é coisa do corpo
É forma do espírito morto

São anões p'ra quem tudo são palmos
Eu sou o melhor
Eu sou o maior
Quero ser sempre o mais pequenino
Estreitinho
Mirradinho
Que há-de haver

Propriamente ser anão não é defeito
É gostar de ser pequeno sem proveito

O papão do anão (...)



09. A VIDA ROMPEU

(poema: Nuno Júdice, segundo Raúl Brandão;
música: José Mário Branco)

A vida rompeu
Onde tudo era breu
E embora fosse morrer
A morte
Começou a reverdecer
A morte
Começou a reverdecer

Eram dois mendigos
E amavam-se de amor
Demorou Deus a olhá-los

CORO: Demorou Deus a olhá-los

Demoraram os carrascos
A levá-los
A levá-los

A vida rompeu
Onde tudo era breu

Toda a terra fermentou

E embora fosse morrer
A morte

Vozes, ventos e murmúrios

Eram dois mendigos
E amavam-se de amor

Deu água a fonte que secou

Demorou Deus a olhá-los
A morte

Vozes, ventos e murmúrios

Passou a noite absorto
No negrume opaco da noite
Sóis, núvens, aves
Um deus morto
No negrume opaco da noite



10. DO QUE UM HOMEM É CAPAZ

(letra e música: José Mário Branco)

1.

Do que um homem é capaz
As coisas que ele faz
P'ra chegar aonde quer
É capaz de dar a vida
P'ra levar de vencida
Uma razão de viver

2.

A vida é como uma estrada
Que vai sendo traçada
Sem nunca arrepiar caminho
E quem pensa estar parado
Vai no sentido errado
A caminhar sozinho

3.

Vejo gente cuja vida
Vai sendo consumida
Por miragens de poder
Agarrados a alguns ossos
No meio dos destroços
Do que nunca hão-de fazer

4.

Vão poluindo o percurso
Co' as sobras do discurso
Que lhes serviu pr' abrir caminho
À custa das nossas utopias
Usurpam regalias
P'ra consumir sozinho

5.

Com políticas concretas
Impõem essas regras
Que nos entram casa dentro
Como a Trilateral
Co' a treta liberal
E as virtudes do centro

5.
Com políticas concretas
Impõem essas metas
Que nos entram casa dentro
Como a Trilateral
Co' a treta liberal
E as virtudes do centro

6.
No lugar da consciência
A lei da concorrência
Pisando tudo p'lo caminho
P'ra castrar a juventude
Mascaram de virtude
O querer vencer sozinho

7.
Ficam cínicos, brutais
Descendo cada vez mais
P'ra subir cada vez menos
Quanto mais o mal se expande
Mais acham que ser grande
É lixar os mais pequenos

8.
Quem escolhe ser assim
Quando chegar ao fim
Vai ver que errou o seu caminho
Quando a vida é hipotecada
No fim não sobra nada
E acaba-se sozinho

9.
Mesmo sendo os poderosos
Tão fracos e gulosos
Que precisam do poder
Mesmo havendo tanta gente
P'ra quem é indif'rente
Passar a vida a morrer

10
Há princípios e valores
Há sonhos e há amores
Que sempre irão abrir caminho
E quem viver abraçado
À vida que há ao lado
Não vai morrer sozinho
E quem morrer abraçado
À vida que há ao lado
Não vai viver sozinho

11. CANTO DOS TORNA-VIAGEM

(letra e música: José Mário Branco)

Melodia 1 (solistas, depois coro adulto misto)

1. Foi no sulco da viagem
Já sem armas nem bagagem
Nem os braços da equipagem
Foi ao voltar

Pátria moratória
No coração da História
Que consumiste a glória
Num jantar

2. Foi como se Portugal
P'ra seu bem e p'ra seu mal
Andasse em busca dum final
P'ra começar

Ávida violência
Reverso de inocência
Sal da inconsciência
Que há no mar

3. Império tão pequenino
De portulano caprino
Bolsos de sina e de sino
Em cada mão

Pátria imaginária
De consistência vária
Afirmção diária
Do teu não

4. As malas dos portugueses
São como os olhos das rezes
Que se mastigam três vezes
Em cada chão

Cândida ignorância
Grande desimportância
Os frutos da errância
Já lá vão

Melodia 2 (solistas, depois coro adulto misto)

1. Ai Senhora dos Navegantes me valei
De África, do sal e do mar só eu sobrei
Foi p'ra me encontrar que amanhã já me perdi
Longe vai o tempo em que eu já não estou
aqui

2. Ai Senhora dos Talvez-Muitos-Mais-Sinais
Socorrei estes desperdícios coloniais
Foi na noite fria que o dia me cegou
Inda agora fui, inda agora cá não estou

3. Ai Senhora dos Esquecidos me lembrai
O caminho que p'ra lá vem e p'ra cá vai
Etecetra e tal, Portugal é nós no mar
Inda agora vim e estou longe de chegar

4. Ai Senhora dos Meus Iguais que eu subtraí
Foi pataca a mim e não foi pataca a ti
Se é tão grande a alma na palma do meu ser
Algum dia eu vou finalmente acontecer

Melodia 3 (coro infantil +JMB)

1. Porque não tentar outro ponto de vista
A história dos outros, quem a contará
Se qualquer colónia sem colonialista
São os que já estavam lá

2. Tentemos então ver a coisa ao contrário
Do ponto de vista de quem não chegou
Pois se eu fosse um preto chamado Zé Mário
Eu não era quem eu sou

3. Os navegadores chegaram cá a casa
E foi tudo novo p'ra eles e p'ra mim
A cruz e a espada e os olhos em brasa
Porque me trataste assim ?

4. Não é culpa nossa se quem p'ra cá veio
Não se incomodou ao saber do horror
A História não olha a quem fica no meio
E o que foi é de quem fôr



12. FADO EM DÓ MAIOR

(letra e música: José Mário Branco)

1.
Qualquer sítio do mundo
Tem o seu português
Ou antigo português
Ou resto de português

O resto desse resto português
É que faz a vez
Do todo português

Abismo vagabundo
Chamado Portugal
Viaduto natural
Entre a Índia e o quintal

É tão longe de Portugal a Portugal
Dói mas não faz mal
É o mal de Portugal

(refrão)

2.
Arrisco quase tudo
E quase pela certa
Quando a sorte nos aperta
Perder é quase ganhar

Eu sempre que abalei à descoberta
Deixei a porta aberta
Para quem quisesse entrar

Por isso apareço
Onde menos se espera
Taberneiro de quimera
Marinheiro sempre à mão

O ir-e-vir é que me dilacera
Mas o futuro que já era
Vai pagando a redenção

(refrão)

3.
Talvez eu chegue um dia
Ao fim desta viagem
Ficando aqui na paragem
A andar p'ra cá e p'ra lá

Se a camioneta nunca mais chegar
Eu não vou parar de andar
E alguma coisa virá

A vida é assim feita
Que tudo o que parece
É mesmo aquilo que acontece
Ou parece acontecer

Certo, certo, é que ao fim deste carril
Há-de haver algum um Brasil
Para eu me refazer

(refrão)

Refrão:

Por aí
Mais ou menos
O que eu vi
Já te vi
Ostrogodos sarracenos
Inda agora os conheci

Saio da casca
É já ali
Fico à rasca
Na borrasca
Portugal agora é aqui
Quem não pode, desenrasca



13. PÃO-PÃO

(letra e música: José Mário Branco)

1.

Pé de milho
Pé da porta
Pai p'ra filho
Pão-pão

A cultura
Mesmo àgri-
Dura, dura
Pão-pão

Dois lados tem o espelho
O da mão, o do umbigo
Uma coisa é ser velho
Outra é ser antigo

2.

Pedra a pedra
Ano a ano
Se não medra
Pão-pão

Um que nasce
Um que morre
O tempo faz-se
Pão-pão

Dois lados tem o espelho
O da paz, o do perigo
Uma coisa é ser velho
Outra é ser antigo

3.

Gota a gota
Chove a chuva
Abarrota
Pão-pão

O rebanho
Pela encosta
Verde branco
Pão-pão

Dois lados tem o espelho
O já-está, o não-consigo
Uma coisa é ser velho
Outra é ser antigo

4.

Castanheiro
Centenário
Chão e cheiro
Pão-pão

Pensamentos
Porque há tempo
Sedimentos
Pão-pão

Dois lados tem o espelho
O vizinho, o amigo
Uma coisa é ser velho
Outra é ser antigo



14. AMOR GIGANTE

(letra e música: José Mário Branco)

Um mundo à justa medida
Nunca houve
Nem sei se haverá
Contam-se histórias da vida
Tão estranhas
Tão cruéis que sei lá
Como a de certa donzela
Que era extensamente bela

Tão grande e tão amada
Por quem - nada
Era ao pé dela

Tão grande e tão amada
E cortejada
Por quem - nada
Era ao pé dela

(refrão)

A menina desta história
Era grande
Muito grande até
Grandeza contraditória
Mas que pouco
Esse louco era ao pé
Pensando não ser bastante
Sentir um amor gigante

Assim cantava o dito
Pequenito
Seu amante

Mais que um canto era um grito
O do dito
Pequenito
Seu amante

(refrão)

As histórias de gigantes
Era dantes
Que acabavam bem
Hoje escolhe-se o amante
Consoante
Se o tamanho convém

Refrão:
Não vejo poder amar-te
Na desejada proporção
Embora não sei por que arte
Caibas de pé no meu coração
Menina gigante
Que 'stás tão distante
Aqui mesmo diante
De mim

Percorro pressurosamente
A longa rota do teu corpo
Sem conseguir, por mais que tente
Chegar ao fim-de-ti antes de morto
Menina colosso
Que eu quero e não posso
Porque é que assim troço
De mim



15. TENHO DÓ DAS ESTRELAS

(Poema: Fernando Pessoa)

Tenho dó das estrelas
Luzindo há tanto tempo
Há tanto tempo...
Tenho dó delas.

Não haverá um cansaço
Das coisas,
De todas as coisas,
Como das pernas ou de um braço ?

Um cansaço de existir,
De ser,
Só de ser,
O ser triste brilhar ou sorrir...

Não haverá, enfim,
Para as coisas que são,
Não a morte, mas sim
(Uma) outra espécie de fim,
Ou uma grande razão –
Qualquer coisa assim
Como um perdão ?



16. ELOGIO DE CAEIRO

(letra e música: José Mário Branco)

Olhar p'ra tudo como um movimento
Certo, elegante comprometimento
Com a cor, com a norma
Com a vez, com o tempo
O tempo justo para a forma
O tempo justo para dentro
E só falar para dizer

Viver unido, unido com a terra
Sem ter sequer qualquer uso p'ra guerra
Produzir, repartir
Descansar a seguir
O olhar incrível de um cavalo
Sageza, amor, tudo a habitá-lo
E ser igual dar ou receber

Cantar nitidamente a natureza
Ser cantar, ser só simples certeza
Como o vivo, o primeiro
Como a voz de Caieiro
Desconhecer o fel da fala
Ou conhecendo-o, ignorá-la
E tudo o que é, acontecer

José Mário Branco
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 01

Nem Deus nem Senhor
(letra e música: José Mário Branco)

A luz é tão cega
Que nunca se entrega
Só se deixa ver
Numa razão de ser
Sem sequer entender
Os olhos que a vão receber

E o rasto que fica
É uma coisa antiga
Que a gente tem p'ra dar
E só pode encontrar
Quando morrer a procurar

Salvo pelo amor
Só se pode ser salvo pelo amor
Do sentido perdido ganhador

Não tem Deus nem Senhor
Esta dor
Anda à solta por aí
Que eu bem a vi
Ai, se eu pudesse parar
Se eu vos pudesse contar

Salvo pelo amor
Não existe derrota para a dor
Com o seu capital triturador

Não tem Deus nem Senhor
É simplesmente dor
Que é o que faz questão de ser
Sem entender
Que a vida toda surgiu
De um Sol que nunca se viu
Nem sei se existe

Canção 02

Do que um homem é capaz

(letra e música: José Mário Branco)

1.

Do que um homem é capaz
As coisas que ele faz
P'ra chegar aonde quer
É capaz de dar a vida
P'ra levar de vencida
Uma razão de viver

A vida é como uma estrada
Que vai sendo traçada
Sem nunca arrepiar caminho
E quem pensa estar parado
Vai no sentido errado
A caminhar sozinho

2.

Vejo gente cuja vida
Vai sendo consumida
Por miragens de poder
Agarrados a alguns ossos
No meio dos destroços
Do que nunca hão-de fazer

Vão poluindo o percurso
Co' as sobras do discurso
Que lhes serviu pr' abrir caminho
À custa das nossas utopias
Usurpam regalias
P'ra consumir sozinho

3.

Com políticas concretas
Impõem essas metas
Que nos entram casa dentro
Como a Trilateral
Co' a treta liberal
E as virtudes do centro

No lugar da consciência
A lei da concorrência
Pisando tudo p'lo caminho
P'ra castrar a juventude
Mascaram de virtude
O querer vencer sozinho

4.

Ficam cínicos, brutais
Descendo cada vez mais
P'ra subir cada vez menos
Quanto mais o mal se expande
Mais acham que ser grande
É lixar os mais pequenos

Quem escolhe ser assim
Quando chegar ao fim
Vai ver que errou o seu caminho
Quando a vida é hipotecada
No fim não sobra nada
E acaba-se sozinho

5.

Mesmo sendo os poderosos
Tão fracos e gulosos
Que precisam do poder
Mesmo havendo tanta gente
P'ra quem é indif'rente
Passar a vida a morrer

Há princípios e valores
Há sonhos e há amores
Que sempre irão abrir caminho
E quem viver abraçado
À vida que há ao lado
Não vai morrer sozinho
E quem morrer abraçado
À vida que há ao lado
Não vai viver sozinho

José Mário Branco
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 03

As contas de Deus

(letra e música: José Mário Branco)

Folhas de calendário são
Almas em busca de água e pão
Quanto mais o tempo passa
Menos a desgraça
Tem valor

Que buscas tu, ó meu irmão
Industrial da opressão
Cada letra do teu nome
É um ano de fome
E de dor

Contas e contas se fazem num dia
Ai quantas contas se fazem num dia
Corpos caídos
Vidas aos bocados
Tapados dos lados
Por cima e por baixo
E eu, ou vou ou racho
O que eu não faria
Com as contas de um só dia
Se eu fosse Deus
Se Deus não fosse eu

Alguém que acorde esse país
Que pegue fogo aos alibis
De quem pensa que o dinheiro
Se gasta primeiro
Que o amor

Como se pode ser feliz
Sabendo a dor que não se diz
Cada minuto da hora
Alguém vai embora
Ou pior

Contas e contas se fazem num dia
.....

Como se Deus não fosses tu...

Canção 04

Poder

(letra e música: José Mário Branco)

1.

Um herói
À medida
Da sua estatura
Vai sempre à procura
Ond' inda ninguém foi

Um herói
Não descura
Um ou outro dói-dói
Uma dura aventura
Não mata mas mói

Caso venha a ser preciso
Arriscar qualquer coisinha
Na operação
Um herói no seu juízo
Leva sempre uma pilinha
Em cada mão

Com a cobertura da instituição
Mais aquilo do Deus-Pátria-Canhão
Um herói nunca se corta
Meio olho-vivo, meio mão-morta
A porta
Não importa

2.

Um herói
Façanhudo
É de tudo capaz
Faz ao peixe miúdo
O que mais ninguém faz

Um herói
Catrapás
Salta dos quadrinhos
Puxa os cordelinhos
E eles vêm atrás

Com algum equipamento
Assegura a quadratura
Da operação
É o simbólico instrumento
É uma armadura dura
Em cada mão

Um herói é o garante, o bastão
Dessa coisa do Deus-Pátria-Canhão
Nunca teme, nunca se corta
Come peixinhos da horta
Mulher morta
Não aborta

Poder
Quem o tem, tem ascendente
Poder
Quem o tem, faz-se valente
Bem usado
Mal usado
O poder é prepotente

Assim
Diz o povo amiúde
Assim
Herói era toda a gente
Mais val' rico e com saúde
Do que pobre e doente

Canção dos despedidos

(letra e música: José Mário Branco)

1

Somos explorados no trabalho, e não só
Também somos o lixo
Lixo na tê-vê, quem lá está e quem vê
Lixo no jornal, voz do seu capital
Estamos entregues aos bichos
E o lixo produz mais lixo

...

E o tempo a passar
E eu a cantar
Eu também faço parte do lixo

Há quem viva bem do nosso mal-viver
Nós somos lixo
Somos só lixo
Já não há gente, há só lixo
Dispensável, descartável, reciclável
E agora parem um minuto p’ra pensar

2

Há que humanizar a humanidade, e não só
Há que varrer o lixo
O do Capital, que é o lixo global
O lixo do Estado, que é o seu braço armado
O mundo é de quem manda
E o resto é propaganda

...

Tudo é publicidade
Mas a liberdade
É escolher entre ser ou estar

Tens a boca cheia de palavras lindas
P’ra ti sou lixo
Somos só lixo
Nós não somos gente, somos lixo
Dispensável, descartável, reciclável
Mas vou parar mais um minuto p’ra pensar

3

Vamos a casa
Ao fim do dia
Só p’ra regenerar a mais-valia
Ganhar forças, fazer filhos
Cada um no seu caixote
E amanhã tomar o bote
Para o paraíso dos cadilhos

Quem é o lixo
Eles são o lixo do corpo e da alma
Como é que se pode ter calma
P’ra varrer este monturo
Dos escombros do futuro

José Mário Branco
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 06

Onofre

(música e letra: José Mário Branco)

"Onofre": nome português para o botão "on-off"

Quando o espectro de Goebbels me ensombra e me agride com mais
Guerra mediática
E a sua matilha se maquilha
Quando essa escolha cuidada de coisas reais ficcionadas, iguais
Sem lei nem gramática
Faz de cada Homem uma ilha
Quando vem a maré negra dessa matilha obscena
E para sobreviver há que sair de cena
Resta só a solução de premir o botão
 Quem sofre
 Quem sofre
 Quem sempre sofre é o Onofre

Quando a voz do Grande Irmão mostra sempre outra cara escondendo
A paz totalitária
No negócio do seu matadouro
Quando propagandeando a janela do mundo só abre p'ra dentro
E é sempre o cenário
Em que o sangue valoriza o ouro
Os jornalistas clonados facturam a desgraça
Nem no amor nem na dor a caravana passa
Vou vomitar e então carrego no botão
 O Onofre
 O Onofre
 Triste poder de quem sofre

Quando p'ra tanto poder parece que já nada podemos fazer
P'ra nos mantermos vivos
E eles tão seguros da vitória
Quando agressivos, banais, sorridentes, coprófagos fartos de ser
Plurais digestivos
Até resistir é uma história
Só o Onofre me diz que o dono inda sou eu
Que esse terrível poder ninguém o elegeu
E logo a alma da mão carrega no botão
 Onofre
 Onofre
 É o segredo do cofre

Eram mais de cem

(letra e música: José Mário Branco)

Refrão:

**Eram mais de cem
Eram mais de mil
Não os contei bem
Um milhão de lil- iputianos pr'ái**

**Os homens pequenos
Quando são demais
Não fazem por menos
Tornam-se fatais - vão por mim que o vivi**

1.

Como é que um freguês duma freguesia qualquer
Vê o seu destino
Fazer o pino
Sem saber ler - nem 'screver

Homem avisado sempre ouviu alguém dizer
Cada naufrágio
É um preságio
Do que vai a- contecer

2.

Vá-se lá saber o que é que esta gente me quer
Este lugar
Tão singular
Ai quem me val' - a valer

Há sempre um lugar que falta a gente conhecer
Ai se eu soubera
Como isto era
Nunca viera - aqui ter

3.

Preso assim que nem é modo d' alguém preso ser
Pequenos fios
Nós corredios
Que assim me estão - a prender

Já 'stá tecida uma teia para me tecer
Cabeça e pés
Os dedos dez
Já não me po- sso mexer

O papão do anão

(letra e música: José Mário Branco)

**O papão do anão
É o anão do próprio anão
O pior p'ró anão
É ter um irmão menor
É ter um irmão maior
É ter um irmão...**

Só de costas o anão é parecido
Com o menino que pode ter sido

Os anões não se medem aos palmos
Eu sou o melhor
Eu sou o maior
Quero ser
Hei-de ser sempre o mais pequenino
Estreitinho
Maneirinho
Que há-de haver

Propriamente ser anão não custa puto
O que custa é manter esse estatuto

**O papão do anão
É o anão do próprio anão
O pior p'ró anão
É ter um irmão menor
É ter um irmão maior
É ter um irmão melhor
O pior p'ró anão
É ter um irmão...**

Ser anão não é coisa do corpo
É forma do espírito morto

São anões p'ra quem tudo são palmos
Eu sou o melhor
Eu sou o maior
Quero ser sempre o mais pequenino
Estreitinho
Mirradinho
Que há-de haver

Propriamente ser anão não é defeito
É gostar de ser pequeno sem proveito

O papão do anão (...)

Canção 09

Canto dos Torna-Viagem
(letra e música: José Mário Branco)

Ao Fausto

Melodia 1 (JMB, depois coro adulto misto)

1. Foi no sulco da viagem
Já sem armas nem bagagem
Nem os braços da equipagem
Foi ao voltar

Pátria moratória
No coração da História
Que consumiste a glória
Num jantar

2. Foi como se Portugal
P'ra seu bem e p'ra seu mal
Andasse em busca dum final
P'ra começar

Ávida violência
Reverso de inocência
Sal da inconsciência
Que há no mar

3. Império tão pequenino
De portulano caprino
Bolsos de sina e de sino
Em cada mão

Pátria imaginária
De consistência vária
Afirmção diária
Do teu não

4. As malas dos portugueses
São como os olhos das rezes
Que se mastigam três vezes
Em cada chão

Cândida ignorância
Grande desimportância
Os frutos da errância
Já lá vão

Melodia 2 (Fausto, depois coro adulto misto)

1. Ai Senhora dos Navegantes me valei
De África, do sal e do mar só eu sobrei
Foi p'ra me encontrar que amanhã já me perdi
Longe vai o tempo em que eu já não estou aqui

2. Ai Senhora dos Talvez-Muitos-Mais-Sinais
Socorrei estes desperdícios coloniais
Foi na noite fria que o dia me cegou
Inda agora fui, inda agora cá não estou

3. Ai Senhora dos Esquecidos me lembrai
O caminho que p'ra lá vem e p'ra cá vai
Etecetra e tal, Portugal é nós no mar
Inda agora vim e estou longe de chegar

4. Ai Senhora dos Meus Iguais que eu subtraí
Foi pataca a mim e não foi pataca a ti
Se é tão grande a alma na palma do meu ser
Algum dia eu vou finalmente acontecer

Melodia 3 (coro infantil +JMB)

1. Porque não tentar outro ponto de vista
A história dos outros, quem a contará
Se qualquer colónia sem colonialista
São os que já estavam lá

2. Tentemos então ver a coisa ao contrário
Do ponto de vista de quem não chegou
Pois se eu fosse um preto chamado Zé Mário
Eu não era quem eu sou

3. Os navegadores chegaram cá a casa
E foi tudo novo p'ra eles e p'ra mim
A cruz e a espada e os olhos em brasa
Porque me trataste assim ?

4. Não é culpa nossa se quem p'ra cá veio
Não se incomodou ao saber do horror
A História não olha a quem fica no meio
E o que foi é de quem fôr

Canção 10

Pão-pão

(letra e música: José Mário Branco)

1.

Pé de milho
Pé da porta
Pai p'ra filho
Pão-pão

A cultura
Mesmo à gri-
Dura, dura
Pão-pão

Dois lados tem o espelho
O da mão, o do umbigo
Uma coisa é ser velho
Outra é ser antigo

2.

Pedra a pedra
Ano a ano
Se não medra
Pão-pão

Um que nasce
Um que morre
O tempo faz-se
Pão-pão

Dois lados tem o espelho
O da paz, o do perigo
Uma coisa é ser velho
Outra é ser antigo

3.

Gota a gota
Chove a chuva
Abarrota
Pão-pão

O rebanho
Pela encosta
Verde branco
Pão-pão

Dois lados tem o espelho
O já-está, o não-consigo
Uma coisa é ser velho
Outra é ser antigo

4.

Castanheiro
Centenário
Chão e cheiro
Pão-pão

Pensamentos
Porque há tempo
Sedimentos
Pão-pão

Dois lados tem o espelho
O vizinho, o amigo
Uma coisa é ser velho
Outra é ser antigo

Canção 11

Fado em dó maior
(letra e música: José Mário Branco)

1.

Qualquer sítio do mundo
Tem o seu português
Ou antigo português
Ou resto de português

O resto desse resto português
É que faz a vez
Do todo português

Abismo vagabundo
Chamado Portugal
Viaduto natural
Entre a Índia e o quintal

É tão longe de Portugal a Portugal
Dói mas não faz mal
É o mal de Portugal

(ao refrão)

2.

Arrisco quase tudo
E quase pela certa
Quando a sorte nos aperta
Perder é quase ganhar

Eu sempre que abalei à descoberta
Deixei a porta aberta
Para quem quisesse entrar

Por isso apareço
Onde menos se espera
Taberneiro de quimera
Marinheiro sempre à mão

O ir-e-vir é que me dilacera
Mas o futuro que já era
Vai pagando a redenção

(ao refrão)

3.

Talvez eu chegue um dia
Ao fim desta viagem
Ficando aqui na paragem
A andar p’ra cá e p’ra lá

Se a camioneta nunca mais chegar
Eu não vou parar de andar
E alguma coisa virá

A vida é assim feita
Que tudo o que parece
É mesmo aquilo que acontece
Ou parece acontecer

Certo, certo, é que ao fim deste carril
Há-de haver algum um Brasil
Para eu me refazer

(ao refrão)

Refrão:

**Por aí
Mais ou menos
O que eu vi
Já te vi
Ostrogodos sarracenos
Inda agora os conheci**

**Saio da casca
É já ali
Fico à rasca
Na borrasca
Portugal agora é aqui
Quem não pode, desenrasca**

José Mário Branco
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 12

Amor gigante

(letra e música: José Mário Branco)

Um mundo à justa medida
Nunca houve
Nem sei se haverá
Contam-se histórias da vida
Tão estranhas
Tão cruéis que sei lá
 Como a de certa donzela
 Que era extensamente bela

Tão grande e tão amada
Por quem - nada
Era ao pé dela

Tão grande e tão amada
E cortejada
Por quem - nada
Era ao pé dela

Refrão:

**Não vejo poder amar-te
Na desejada proporção
Embora não sei por que arte
Caibas de pé no meu coração
Menina gigante
Que 'stás tão distante
Aqui mesmo diante
De mim**

**Percorro pressurosamente
A longa rota do teu corpo
Sem conseguir, por mais que tente
Chegar ao fim-de-ti antes de morto
Menina colosso
Que eu quero e não posso
Porque é que assim troço
De mim**

A menina desta história
Era grande
Muito grande até
Grandeza contraditória
Mas que pouco
Esse louco era ao pé
 Pensando não ser bastante
 Sentir um amor gigante

Assim cantava o dito
Pequenito
Seu amante

Mais que um canto era um grito
O do dito
Pequenito
Seu amante

Ao refrão

As histórias de gigantes
Era dantes
Que acabavam bem
Hoje escolhe-se o amante
Consoante
Se o tamanho convém

José Mário Branco
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 13

A vida rompeu

(da peça "A morte do palhaço")

(poema: Nuno Júdice, segundo Raúl Brandão; música: José Mário Branco)

A vida rompeu
Onde tudo era breu
E embora fosse morrer
A morte
Começou a reverdecer
A morte
Começou a reverdecer

Eram dois mendigos
E amavam-se de amor
Demorou Deus a olhá-los

CORO: Demorou Deus a olhá-los

Demoraram os carrascos
A levá-los
A levá-los

*A vida rompeu
Onde tudo era breu*

Toda a terra fermentou

*E embora fosse morrer
A morte*

Vozes, ventos e murmúrios

*Eram dois mendigos
E amavam-se de amor*

Deu água a fonte que secou

*Demorou Deus a olhá-los
A morte*

Vozes, ventos e murmúrios

Passou a noite absorto
No negrume opaco da noite
Sóis, núvens, aves
Um deus morto
No negrume opaco da noite

Se do Império

(letra e música: José Mário Branco)

1. Se do Império os mortos vais contar
São tantas as parcelas p'ra somar
Qualquer pequena história ao virar da esquina
Guatemala, Indonésia, Argentina
Djenine e Hiroshima

Para bem contar, não contes pelos dedos
Nenhuma conta conta a dor
Que essas contas contarão
Aí nessa rua a seguir à tua
Sangue, lágrimas - e medos

Tem cuidado
Se do Império os mortos vais contar
Melhor será saber recomeçar
Que os mortos do Império vão voltar

2. Se do Império os mortos vais contar
Terás milhões de vidas p'ra somar
A grande história escrita ao virar da esquina
Vietname, Curdistão, Filipinas
Angola e Palestina

Para bem contar, preciso é ter coragem
E deitar contas ao horror
Que essas contas contarão
E a conta continua a seguir à tua
Fome, cárcere - pilhagem

Sê paciente
Se do Império os mortos vais contar
Melhor será saber recomeçar
Que os mortos do Império vão voltar

3. São mortos distantes
Em tudo semelhantes
A esses outros mortos que estão vivos
Em tímidas vidas
Almas cativas
Mas prometidas

Os vivos
São o regresso dos mortos
Que os impérios dão
À revolução

José Mário Branco
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 15

Tenho dó das estrelas
(Fernando Pessoa / J.M. Branco)

Tenho dó das estrelas
Luzindo há tanto tempo
Há tanto tempo...
Tenho dó delas.

Não haverá um cansaço
Das coisas,
De todas as coisas,
Como das pernas ou de um braço ?

Um cansaço de existir,
De ser,
Só de ser,
O ser triste brilhar ou sorrir...

Não haverá, enfim,
Para as coisas que são,
Não a morte, mas sim
(Uma) outra espécie de fim,
Ou uma grande razão –
Qualquer coisa assim
Como um perdão ?

José Mário Branco
Letras das canções do álbum “RESISTIR É VENCER”

Canção 16

Elogio de Caeiro
(letra e música: José Mário Branco)

ao Zé Peixoto

Olhar p'ra tudo como um movimento
Certo, elegante comprometimento
Com a cor, com a norma
Com a vez, com o tempo
O tempo justo para a forma
O tempo justo para dentro
E só falar para dizer

Viver unido, unido com a terra
Sem ter sequer qualquer uso p'rà guerra
Produzir, repartir
Descansar a seguir
O olhar incrível de um cavalo
Sageza, amor, tudo a habitá-lo
E ser igual dar ou receber

Cantar nitidamente a natureza
Ser cantar, ser só simples certeza
Como o vivo, o primeiro
Como a voz de Caeiro
Desconhecer o fel da fala
Ou conhecendo-o, ignorá-la
E tudo o que é, acontecer